

## A PESQUISA DE ABORDAGEM FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICA

Livio Osvaldo Arenhart<sup>1</sup> 

Martin Kuhn<sup>2</sup> 

### INVESTIGACIÓN CON ENFOQUE FENOMENOLÓGICO HERMENÉUTICO

### HERMENEUTIC PHENOMENOLOGICAL APPROACH RESEARCH

#### Resumo

A abordagem teórico-metodológica tematizada neste artigo é regida pelo interesse cognoscitivo da busca do consenso mediado pela razão das múltiplas vozes. Pelo prisma epistemológico, mostram-se os pressupostos das pesquisas do enfoque fenomenológico-hermenêutico. A pergunta-guia da construção do texto foi esta: como entender e garantir a objetividade das pesquisas da abordagem fenomenológico-hermenêutica? Apresenta-se uma compreensão plausível da objetividade do âmbito de objetos das pesquisas desta abordagem e, em atenção a seus limites epistêmicos, alerta-se para necessárias contribuições advindas de outras abordagens teórico-metodológicas. O artigo tematiza os seguintes tópicos: a fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger, criticando o paradigma subjetivista, como base filosófica razoável; a abordagem fenomenológico-hermenêutica: interpretação e circularidade; a caracterização epistemológica da abordagem fenomenológico-hermenêutica; a questão da objetividade das pesquisas fenomenológico-hermenêuticas e a necessidade do diálogo crítico. Estes movimentos reflexivos, estão perpassados pela preocupação com a devida vigilância epistemológica quanto ao risco de subjetivismo a que estão expostas as pesquisas fenomenológico-hermenêuticas.

Palavras-chave: Pesquisa. Círculo hermenêutico. Limites epistêmicos. Objetividade.

#### Resumen

El abordaje teórico-metodológico tematizada en este artículo se rige por el interés cognitivo de la búsqueda de consensos mediada por la razón de múltiples voces. Desde el punto de vista epistemológico, se muestran los supuestos de la investigación del enfoque fenomenológico y hermenéutico. La pregunta rectora de la construcción del texto fue la siguiente: ¿cómo comprender y asegurar la objetividad de la investigación del enfoque fenomenológico y hermenéutico? Se presenta una comprensión plausible de la objetividad del alcance de la investigación de este enfoque y, en vista de sus límites epistémicos, se alertan sobre los aportes necesarios de otros enfoques teórico-metodológicos. El artículo aborda los siguientes temas: la fenomenología hermenéutica de Martin Heidegger, criticando el paradigma subjetivista como base filosófica razonable; el enfoque fenomenológico y hermenéutico:

<sup>1</sup> Universidade Federal da Fronteira Sul (Brasil). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Políticas Públicas. Grupo de Pesquisa Direitos Humanos, Movimentos Sociais e Instituições. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2554-5480>. E-mail: [livio.arenhart@uffs.edu.br](mailto:livio.arenhart@uffs.edu.br)

<sup>2</sup> Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Santa Catarina, Brasil). Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação. Grupo de Pesquisa Diversidades, Educação Inclusiva e Práticas Educativas. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8107-0814>. E-mail: [martin.kuhn@unochapeco.edu.br](mailto:martin.kuhn@unochapeco.edu.br)

#### Como referenciar este artigo:

ARENHART, Livio O.; KUHN, Martin. A pesquisa de abordagem fenomenológico-hermenêutica.

**Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 26, p. 1-29, 2024.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v22i0.8166>

interpretación y circularidad; la caracterización epistemológica del enfoque fenomenológico y hermenéutico; la cuestión de la objetividad de la investigación fenomenológica y hermenéutica y la necesidad de un diálogo crítico. Estos movimientos reflexivos están permeados por la preocupación por la debida vigilancia epistemológica sobre el riesgo de subjetivismo al que está expuesta la investigación fenomenológica y hermenéutica.

Palabras clave: Investigación. Fenomenología. hermenéutica. Objetividad.

### **Abstract**

The theoretical-methodological approach addressed in this article is governed by the cognitive interest of the search for consensus mediated by the reason of multiple voices. From the epistemological point of view, the assumptions of the research of the phenomenological and hermeneutic approach are shown. The guiding question of the construction of the text was this: how to understand and ensure the objectivity of the research of the phenomenological and hermeneutic approach? A plausible understanding of the objectivity of the scope of research of this approach is presented and, in view of its epistemic limits, it is alerted to the necessary contributions from other theoretical-methodological approaches. The article addresses the following topics: Martin Heidegger's hermeneutic phenomenology, criticizing the subjectivist paradigm as a reasonable philosophical basis; the phenomenological and hermeneutic approach: interpretation and circularity; the epistemological characterization of the phenomenological and hermeneutic approach; the question of the objectivity of phenomenological and hermeneutic research and the need for critical dialogue. These reflexive movements are permeated by the concern with the due epistemological vigilance regarding the risk of subjectivism to which phenomenological and hermeneutic research is exposed.

Keywords: Research. Phenomenology. hermeneutics. Objectivity.

## **INTRODUÇÃO**

Após o debate histórico sobre o método entre H.-G. Gadamer (1999) e J. Habermas (1987), nas décadas de 1960 e 1970 (Stein, 1987), estudiosos da filosofia contemporânea e das ciências humanas e sociais acostumamo-nos a distinguir abordagens teórico-metodológicas com base naqueles critérios propostos e justificados por Habermas (1982), em especial, o critério dos interesses cognoscitivos. Em congruência com o debate mencionado, estudar os pressupostos ontológicos e epistemológicos da abordagem fenomenológico-hermenêutica (a partir de agora, F-H) significa adotar uma perspectiva teórico-metodológica mediante a qual os pesquisadores se desprendem do esquema simplório que opõe pesquisas quantitativas a pesquisas qualitativas. Libertar-se deste esquema dualista conota o reconhecimento da legitimidade acadêmica de pesquisas regidas por interesses cognoscitivos diversos, tais como, os de controle técnico, de diálogo, de emancipação, de cuidado, de solidariedade e decolonialidade, entre outros.

A abordagem teórico-metodológica tematizada neste artigo é regida pelo interesse cognoscitivo da busca do consenso mediado pela razão das múltiplas vozes. Priorizam-se neste trabalho os pressupostos das pesquisas do enfoque F-H. Em atenção aos alertas emitidos por J. Habermas (1987) e P. Bourdieu (1983; 2013), há que insistir na ideia da vigilância epistemológica em relação ao risco de subjetivismo a que estão expostas as pesquisas F-H's. E, por fidelidade à crítica heideggeriana ao paradigma subjetivista, convém apontar mal-entendidos que se encontram em manuais de metodologia da pesquisa, relativos às pesquisas do enfoque F-H. É imperioso deixar esclarecido o modo segundo o qual as pesquisas F-H's se relacionam com seu objeto, já que, tratando-se de pesquisas científicas, é impossível que não tenham um âmbito de objetos de investigação; uma pergunta importante é: como entender a objetividade das pesquisas F-H's?

O artigo tematiza, na ordem, os seguintes tópicos: (1) a fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger como base filosófica razoável; (2) a abordagem fenomenológico-hermenêutica: interpretação e circularidade; (3) a caracterização da abordagem fenomenológico-hermenêutica; (4) a questão da objetividade das pesquisas fenomenológico-hermenêuticas: a necessidade do diálogo crítico. Este esboço revela que a instrumentalização técnica para pesquisa F-H fica fora do escopo deste *paper*. Mas os autores não deixam de fornecer dicas/pistas ao leitor acerca de propostas metodológicas múltiplas sobre como fazer pesquisas F-H, especialmente nas considerações finais.

Este texto é resultado de um estudo epistemológico ao mesmo tempo analítico, crítico e sistemático. O foco temático é a abordagem F-H. Um esclarecimento preambular parece necessário em relação à junção com hífen dos adjetivos "fenomenológico" e "hermenêutico". A fenomenologia pretende exibir modos de relação, existenciais e históricos, que subjazem aos fenômenos palpáveis. M. Heidegger rompeu com Edmund Husserl, seu mestre, em razão de que esses modos de relação são socioculturalmente *tecidos*, desdobrados e reelaborados, ou seja, são como textos que exigem ser interpretados, isto é, compreendidos em seus respectivos contextos. Eis uma justificação razoável para a locução composta "fenomenológico-hermenêutico" (F-H). Os movimentos reflexivos propostos estão perpassados pela

preocupação com a devida vigilância epistemológica quanto ao risco de subjetivismo a que estão expostas as pesquisas fenomenológico-hermenêuticas. Pois, enquanto pesquisas científicas, demandam objetividade em relação ao fenômeno investigado, bem como, em relação aos conhecimentos enunciados.

## **1 A FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA DE MARTIN HEIDEGGER COMO UMA REFERÊNCIA FILOSÓFICA RAZOÁVEL**

Um bom começo para o estudo dos pressupostos das pesquisas F-H é lembrar da insistência de M. Heidegger sobre alguns pressupostos da ciência moderna. Heidegger criticou violentamente a pretensão do olhar de sobrevoo, como se um pesquisador não fosse um ser humano situado num determinado mundo sociocultural e embarcado num projeto social, sendo-lhe, por isso, impossível ter consciência clara de todos os conceitos prévios que o sustentam.

Em segundo lugar, Heidegger pretendeu destruir o pressuposto metafísico da redução de todas as coisas à condição de objeto representado, pressuposto que nega a existência real àquilo que não está disponível como objeto representado (Ribeiro, 2009). Com isso, há um século, Heidegger pretendeu que o fenomenólogo se dispusesse a explicitar os seus conceitos, juízos e princípios e, desse modo, permitir que as coisas, as pessoas, as ações, as relações pudessem *se revelar a partir delas mesmas* e “[...] enfrentar aquilo que, de si, não se mostra em tudo o que se desvela” (Stein, 2011, p. 34). A regra metodológica husserliana de colocar entre parênteses as próprias concepções prévias em relação aos fenômenos, na fenomenologia hermenêutica de Heidegger passa a ter o sentido de um movimento circular e recursivo entre revelações e ocultações dos fenômenos, de um lado, e as perguntas e reconstruções do pesquisador, do outro. No círculo hermenêutico proposto por Heidegger, a posição prévia em relação ao tema, a perspectiva antecipada e os conceitos precedentes são explicitados, problematizados e reelaborados “a partir da coisa mesma” enquanto se assegura o tema científico (Gadamer, 1998, p. 401).

Se entramos corretamente no círculo hermenêutico – e esta é uma exigência da fenomenologia hermenêutica – ele, o círculo, põem-nos em movimento no interior da linguagem e nunca para fora dela, mesmo que, muitas vezes, contra os seus limites,

pois o ser só pode ser dito na e pela linguagem. No interior da linguagem, giramos entre a compreensão do ser e a autocompreensão; entre compreensão do ser e compreensão dos entes; entre a dimensão profunda e transcendental da significação e a dimensão rasa das sentenças predicativas; entre o tema e as pressuposições que o tornam compreensíveis; giramos entre as perguntas que formulamos e as respostas que conseguimos; entre a totalidade da situação prática de nosso mundo sociocultural e as partes que intencionamos expressamente; entre o sentido próprio das expressões linguísticas e o sentido usual/gasto destas locuções; entre as dimensões que se desvelam e as que se encobrem no mesmo movimento; entre o atordoamento do falatório e a escuta da voz da consciência em busca de discernimento moral; entre os conceitos e juízos prévios a serem explicitados e problematizados e a escavação do sentido originário das palavras elementares da língua ou a criação de metáforas novas; entre o encobrimento decadente e o enfrentamento resolutivo da angústia de poder morrer a cada momento; entre negar/escamotear a dívida simbólico-existencial e reconhecê-la de modo agradecido; entre o auto-encobrimento e a abertura existencial para projetos compartilhados de vida; entre a disposição de conversar com o outro como um ser humano singularíssimo e a tendência de tratá-lo como um utensílio à mão e/ou um objeto dado à visão; entre projetar-nos em possibilidades a-ser e retomar o passado na dimensão kairológica da temporalidade. Entre outras, estas são algumas reverberações do círculo hermenêutico que foram tematizados por Heidegger em *Ser e Tempo*, publicado em 1927.

O círculo hermenêutico, como modo de pensar, difere profundamente do pensamento iluminista que pretendia fundamentar-se a si mesmo racionalmente. O círculo hermenêutico é sempre um círculo da finitude, finitude existencial do pensador e finitude epistemológica das ferramentas cognitivas. O pensador é, em cada caso, ser-no-mundo; e as limitações das ferramentas impossibilitam a transparência da realidade ou o olhar de sobrevoos. É pela linguagem que “[...] nos pronunciamos sobre as coisas e nos entendemos com os outros no e acerca do mundo”. Ou seja, “[...] o ser das coisas se desvela (e se vela) no horizonte da linguagem compartilhada. É pela linguagem que desvelamos o mundo e possibilitamos o desvelamento do ser das coisas [...]” (Kuhn; Arenhart, 2023, p. 3-4). Além disso, os temas sobre os quais o

hermeneuta se debruça já vêm carregados de/por interpretações, de modo que toda interpretação já é reinterpretação, o que nos remete para a questão da autoridade da tradição e da importância da transmissão intergeracional e da recordação. Como qualquer ser humano, o pensador está em débito com a tradição. Heidegger tratou disso no parágrafo 58 de *Ser e Tempo* (1993a). Gadamer, em *Verdade e método* (1999), dá ênfase à autoridade da tradição, que limita os poderes da razão, assunto discutido com Habermas. De todo modo, o pensamento hermenêutico não admite espelhamento da realidade, pois nós acessamos a realidade sempre mediante interpretações que herdamos. E não admite fundamentação absoluta de suas produções simbólicas e epistêmicas, devido às condições existenciais e epistemológicas limitadas, pois estamos sempre interpretando e reinterprelando.

Frise-se que a fenomenologia hermenêutica de Heidegger não trata propriamente da validação metodológica dos conhecimentos, mas se ocupa das condições de possibilidade da significação. Heidegger discutiu a questão metodológica na fenomenologia como filosofia, mas não a questão epistemológica. *Ser e tempo* responde à pergunta sobre o que Ernildo Stein chamou de "condições de assertibilidade" (3), mas não à pergunta sobre as condições de validação social de enunciados como enunciados verdadeiros (Stein, 1997, p. 51). Todavia, tanto as condições de verdade quanto as condições de possibilidade de proferir sentenças com sentido só podem ser exploradas como questões de pressuposições com as quais abordamos o dizer e o dito; e tanto a exploração das pressuposições de assertibilidade quanto a das de verdade remetem à familiaridade (*acquaintance*) originária com o mundo prático-significativo, familiaridade que o ser-aí humano desde sempre carrega consigo (Stein, 1997, p. 54; Heidegger, 1993a, p. 131). Esta familiaridade com um mundo vivido já sempre aberto pela mediação de determinada linguagem histórica é condição de possibilidade de toda e qualquer experiência, inclusive do conhecimento científico (Oliveira, 1997).

Ademais, já na primeira manifestação linguística do mundo se exprime uma relação comunicativa intersubjetiva entre os seres humanos e, por meio disso, um

---

<sup>3</sup> "Assertibilidade" é um termo derivado do verbo "asserir" e do substantivo "asserção". Uma asserção pode ser afirmativa ou negativa. É afirmativa, se atribui positivamente um predicado a um sujeito. É negativa, se retira do sujeito o significado expresso no predicado.

relacionar-se implícito do ser humano consigo mesmo, sendo esta compreensão de si uma condição de possibilidade conhecer algo enquanto algo (Oliveira, 1997). A compreensão do ser das coisas em geral e a simultânea compreensão de seu próprio ser-no-mundo pelos humanos tornam possível a compreensão das coisas em sua generalidade e singularidade e de seus possíveis modos de/a ser. A compreensão do ser e a compreensão de si se imbricam e se limitam reciprocamente (Stein, 1976). Essa compreensão ao mesmo tempo abre e fecha, clareia e sobreia, desvela e encobre. Em sua relação com a não-verdade, a verdade (desvelamento) aponta diretamente para a finitude do ser-aí humano.

Compreender o ser significa compreender a dimensão de profundidade da linguagem humana, "anterior à instância proposicional, fonte mesma de toda fala" (Oliveira, 1997, p. 222). A estrutura fundamental do compreender é a estrutura do algo como algo (*etwas als etwas*). Num plano pré-predicativo de experiência, o mundo se abre primariamente ao ser-aí na/pela *relação de uso* com as coisas à mão, e esta é "condição de possibilidade de algo como algo" (Stein, 1993, p. 297). A estrutura do algo como algo eu já tenho enquanto estrutura de ser-no-mundo, junto às coisas e com os outros" (Stein, 1993, 299). A proposição funda-se nessa interpretação compreensiva da relação de uso. Mas este elemento prático pré-predicativo de nossa experiência de mundo, em virtude do qual podemos dizer algo de algo, "não se expressa senão via linguagem" (Stein, 1996, p. 20). Chega-se a ele *ex post*, dentro da e a partir da linguagem.

Heidegger foi um dos primeiros filósofos que no séc. XX compreendeu a condição linguística do pensamento e pensou desde o plano de tal compreensão. Todo o seu esforço filosófico consistiu em mostrar as bases de um *novo paradigma de pensamento*: a) a partir de onde é possível uma experiência da linguagem alternativa à experiência da mesma como produto da subjetividade, como simples objeto que está diante de nós, como mero instrumento de informação; b) onde a linguagem constitui momento fundamental para toda a experiência do real, enfatizando, sem negar seu caráter instrumental, que nela acontece a diferença ontológica (Oliveira, 1997).

A evocação de algumas ideias de M. Heidegger permite ver que a hermenêutica se destaca por sua pretensão de compreender o sentido dos fenômenos. Nessa linha,

as ciências compreensivas visam à apreensão das significações intencionais das atividades históricas concretas do ser humano (Paviani, 2013). Os *princípios básicos da hermenêutica* são: 1) inseparabilidade do sujeito e do objeto, fundamentada na inserção do sujeito (que compreende) no horizonte da história e da linguagem (pressuposto da compreensão hermenêutica); 2) circularidade entre o todo e o particular; 3) pré-compreensão como ponto de partida do conhecimento, o que implica prioridade da pergunta sobre a resposta e problematização da noção de dado empírico puro (Paviani, 2013).

A hermenêutica desloca a prioridade do sujeito para a *linguagem*. “A verdade do sujeito encontra-se agora acessível à racionalidade linguística” (Paviani, 2013, p. 85). Exige do pesquisador consciência dos *limites do próprio conhecimento*, aceitação da *circularidade do conhecimento e da linguagem* e exige metodologias adequadas em cada caso. Pensa o universal dentro de uma linguagem dada e, por isso, mostra as insuficiências da análise meramente lógica para captar o sentido e a complexidade de qualquer fenômeno da vida. Ademais, problematiza a autossuficiência objetivista do conhecimento científico (Paviani, 2013). Aproximemos a fenomenologia hermenêutica das ciências humanas.

## **2 FENOMENOLOGIA HERMENÊUTICA NO CAMPO DAS CIÊNCIAS HUMANAS: INTERPRETAÇÃO E CIRCULARIDADE**

A hermenêutica como abordagem teórico-metodológica de investigação científica distingue-se formalmente da filosofia hermenêutica (Arenhart *et al.*, 2022). Mesmo assim, é importante que a “*consciência hermenêutica*” produzida na filosofia esteja atuante no interior das ciências (Habermas (1987, p. 34). Primeiro, para destruir a autocompreensão objetivística das ciências humanas e sociais; segundo, para lembrar às ciências sociais problemas que resultam da pré-estruturação simbólica do seu âmbito de objetos; terceiro, para lembrar aos cientistas empírico-analíticos que a linguagem corrente tem importância gnosiológica no processo de pesquisa; em quarto lugar, a consciência hermenêutica é desafiada pela necessidade de tradução das informações científicas para a linguagem do mundo da vida social. Pode-se acrescentar

que a "hermenêutica pode auxiliar a proteger os procedimentos científicos contra a atomização" (Stein, 1987, p. 131).

Segundo Gadamer, a consciência de que somos profundamente afetados pela herança histórico-cultural e os pré-juízos nela contidos, que se explicitam no círculo hermenêutico, atuam como condição de possibilidade do conhecimento que se pretende objetivo, de modo que a tarefa hermenêutica é a de mostrar as possibilidades do conhecimento, inclusive os pressupostos pelos quais se funda a ciência (Marrafon, 2011; Gadamer, 2002). Para comprovar essa tese, Gadamer (2002) traz o exemplo da estatística, na qual, manifestamente, "[...] o resultado é demonstrado por uma série de condições metodológicas abstratas e, especialmente, pelas perguntas pré-concebidas, universalmente presentes e que antecedem as respostas" (Marrafon, 2011, p. 78). Gadamer nos faz ver que "[...] as possibilidades do conhecimento residem nas perguntas que respondem aos fatos apresentados, de modo que cabe ao hermeneuta encontrá-las" (Marrafon, 2011, p. 78). Gadamer (2002) nos mostra que a ciência que funda mundo moderno é antes a expressão de um plano de linguagem anterior, no qual ela se espelha. Isso significa que, mesmo podendo ser guiada por métodos específicos que levem ao cumprimento de seus objetivos, a consciência científica é também interpretação que se realiza enquanto articulação do compreendido (Gadamer, 2002).

De acordo com Jaime Paviani (2013), atualmente, as operações de compreensão e de interpretação, próprias do processo hermenêutico, estão presentes nas diversas ciências. Não é possível observar sem compreender. Toda percepção é de certo modo um movimento hermenêutico, pois, ao perceber algo-Sujeito como algo-Predicado já estamos subsumindo o algo-Sujeito a um conceito prévio, disponível na cultura. A experiência física comporta interpretação dos fatos observados, isto é, a aplicação a eles de teorias conhecidas e admitidas. O observar já é um ato de interpretar. Sempre observamos a partir de um ponto de vista (Paviani, 2013).

As pesquisas do enfoque F-H se distinguem das do enfoque empírico-analítico, fundamentalmente, pela diferença de seus respectivos âmbitos de objetos. Há uma notória diferença ontológica do que é tematizado por uma e o que é campo de estudo de outra. Por isso, a partir de seus pressupostos teórico-metodológicos, o enfoque

empírico-analítico está impossibilitado de “[...] dizer o que seja uma ação humana, uma obra, uma instituição, enfim a práxis humana em sua história”; uma vez que “[...] os objetos das ciências humanas não se constituem sem certo engajamento comunicativo” (Rabuske, 1978, p. 204). A abordagem analítica “[...] só conhece um conceito funcional de ciência, isto é, apenas elabora o nexos interdependente de funções interpretadas como relações entre variáveis do comportamento social” (Rabuske, 1978, p. 109). Nesta perspectiva, “[...] as teorias são esquemas construídos que devem ser comprovados na experiência, na observação controlada do comportamento físico, que é realizada num domínio isolado, em circunstâncias reproduzíveis, por sujeitos substituíveis” (Rabuske, 1978, p. 109). Assim, o emprego da metodologia das ciências naturais nas ciências sociais e humanas possibilita nada mais que “[...] elaborar conselhos técnicos para a escolha dos meios para atingir fins que não são postos em questão” (Rabuske, 1978, p. 109). Ou seja, fica-se limitado à dimensão instrumental da racionalidade. O que significa que no âmbito ontológico do humano, aquilo que é dado ao pesquisador “[...] deve, primeiro, ser constituído a partir de uma postura simultaneamente comunicativa e reflexiva” (Rabuske, 1978, p. 204). Nesta circunscrição ontológica, compreender significa “[...] entendimento com o outro sobre um mundo de coisas” (Rabuske, 1978, p. 206).

A compreensão hermenêutica pressupõe, desse modo, que *não* é possível ao investigador passar imediatamente à “análise objetiva”, exigência da abordagem empírico-analítica, e/ou à “crítica” das relações sociais, exigência da abordagem crítico-dialética (Rabuske, 1978, p. 205). Em razão dos fundamentos da metodologia, deve-se *ajustar os conceitos ao âmbito* das relações humanas e sociais simbolicamente mediadas, ou seja, tem de se investigar “[...] a *pré-compreensão*, que condiciona *a priori* todo o questionamento científico. Esta pré-compreensão já sempre é cunhada por determinada imagem da sociedade, que orienta a pesquisa” (Rabuske, 1978, p. 204). O campo de objetos das ciências humanas e sociais, em cada caso, está constituído por processos de estruturação simbólico-institucional anterior a qualquer captação teórica, de modo que a experiência cotidiana, porque sempre já simbolicamente estruturada, não é acessível a uma pura observação (Oliveira, 1990). A compreensão do sentido dos objetos simbolicamente pré-estruturados exige o “[...]”

estabelecimento de uma relação intersubjetiva com o sujeito” que produz e reproduz esses objetos (Oliveira, 1990, p. 98). E, participando das interações, o cientista social “[...] é levado a tomar posição em relação às pretensões de validade presentes nos proferimentos [dos interlocutores, participantes da pesquisa]. Logo, não está imunizado em relação ao contexto sócio-histórico vigente” (Oliveira, 1990, p. 101).

Os seguidores de M. Heidegger e de H.-G. Gadamer consideram o método hermenêutico uma forma de compreender reflexivamente o nosso tempo, lado a lado com o método crítico-dialético. Este acentua a diferença e o *contraste*. *A hermenêutica dá ênfase à identidade; visa "primeiramente a mediação e a unificação com o nosso tempo"* (Stein, 1986, p. 31). A crítica explicita a ruptura do sentido. A operação hermenêutica, por sua vez, penetrando cautelosamente em seu tempo, busca “nos muitos sentidos a unidade perdida” (Stein, 1986, p. 31-32). Note-se que a crítica supõe o sentido constituído como elemento portador, razão pela qual uma teoria crítico-dialética “[...] tem que proceder hermeneuticamente, ou seja, ela não pode passar por cima da questão da interpretação do sentido de um determinado contexto sócio-histórico” (Oliveira, 1987, p. 13). Portanto, a crítica pressupõe interpretação. Um exemplo clássico pode ser visto no modelo matricial de teoria crítica, o modelo marxiano. Ele estabeleceu a estrutura socioeconômica industrial inglesa como o *locus* hermenêutico da/para a crítica da economia burguesa, buscando, a partir dela, compreender os modos anteriores de organização econômica e social (Stein, 1987).

Em sua exposição e justificação do raciocínio dialético, com base na lógica analítica clássica, Cirne-Lima escreveu que há um *momento hermenêutico dentro da dialética*: a diferenciação do sujeito lógico universal do discurso dialético é uma descrição hermenêutica; a procura e a descoberta de um conceito ao mesmo tempo universal e diferenciado é um trabalho hermenêutico (Cirne-Lima, 1994). De acordo com este autor, a operação hermenêutica de desdobramento pode também ser aplicada ao conceito-predicado, buscando no repositório sociocultural aspectos pertinentes a este que possam ser atribuídos ao conceito-sujeito, para, assim, poder se obter um enunciado síntese (Arenhart *et al.*, 2021).

Cabe, no entanto, não perder de vista os *limites da hermenêutica* como método de investigação. A estrutura do significado presente na linguagem e nas obras

culturais, enfatizada pela hermenêutica, “[...] é apenas um dos fatores na totalidade do mundo real”, totalidade que a dialética procura apreender (Minayo, 2002, p. 100). Se não se pode negar a pretensão de universalidade da hermenêutica no plano da escavação dos pressupostos de nossas práticas e falas, pois “tudo deve ser interpretado”, no que diz respeito ao método científico, essa pretensão universalista da hermenêutica “deve ser rejeitada” (Rabuske, 1978, p. 207; 1987, p. 129). Deve-se reconhecer a validade das ideias gadamerianas de que a compreensão é um comportamento frente à história que se impõe objetivamente às consciências (Gadamer, 1999), de que o lugar adequado da compreensão é o terreno da intersubjetividade, de que aquilo a-ser-interpretado é anterior e acima do intérprete e de que os textos guardam uma respeitável objetividade. Mas a razão crítica dos vivos tem potência suficiente para erguer suas vozes perante o poder da herança cultural (Rabuske, 1978; 1987).

Com efeito, à semelhança duma planta rizomática, a tradição pode (re-)brotar de modo diferente, em espaços e tempos diversos. Desdobra-se em diversas linhas ou vertentes. O intérprete pode retornar às fontes. Pode apoiar-se numa vertente para criticar a outra. E, além disso, pode “[...] conquistar uma razoável compreensão de culturas estranhas” (Rabuske, 1987, p. 127-128). Quanto a este último ponto, segundo Gadamer (1999 *apud* Minayo, 2014), compreensão pressupõe o fracasso da transparência da linguagem e a experiência do estranhamento por parte dos intérpretes.

Se é verdade que a hermenêutica busca interpretar os fenômenos sociais mediante a discussão aberta e dialógica (Gadamer, 1999), é imperioso admitir que o contexto da tradição aloja e incrementa a falsidade fática, marcado que é pelo “[...] caráter ideológico das relações de trabalho e poder” (Minayo (2002, p. 100). A meta-instituição da linguagem é também, entre outras coisas, “[...] *medium* de dominação e de poder social. Ela serve à legitimação de relações de violência organizada” (Habermas, 1987, p. 21). Portanto, mesmo que diálogo leve ao consenso, o que nem sempre acontece, “[...] compreender um amigo não significa aceitar as suas ideias. ‘Verdade de compreensão’ não é sinônima de ‘verdade do conhecimento’. Esta se orienta pela realidade mesma, acerca da qual se desenvolve o diálogo” (Rabuske,

1987, p. 128). O intérprete deve sempre estar atento à diferença entre compreensão intersubjetiva e verdade objetiva. Pois “[...] a estrutura real dos fatos históricos comporta todavia, além de sua significação consciente no pensamento e nas intenções dos agentes, uma significação *objetiva* que difere da primeira frequentemente numa forma notável” (Goldmann, 1978, p. 25). As ações humanas, as obras culturais, as instituições e a história em geral “[...] não repousam apenas sobre ações intencionais. A compreensão deve passar pela análise dos fatores reais, objetivamente eficazes, embora inconscientes aos próprios agentes” (Rabuske, 1987, p. 110).

Um critério modesto e seguro para se detectar os limites da hermenêutica pode ser assim formulado: onde e quando os seres humanos não conseguem comunicar-se sem restrição e sem coação, tem de se investigar o que está por detrás daquilo que está na consciência e “[...] detectar os fatores reais, objetivos, não refletidos, que impedem o diálogo” (Rabuske, 1987, p. 118); a hermenêutica não leva em conta as condições econômicas e políticas das formas-de-vida socioculturais e, por isso, “[...] não dá conta de uma comunicação sistematicamente perturbada” (Oliveira, 1990, p. 103). Disso resulta sua insuficiência no plano metodológico (Rabuske, 1978, p. 207). Portanto, a hermenêutica “[...] deve aliar-se à *objetivação*, elemento *indispensável de todo conhecimento verdadeiro*”, a fim de evitar o relativismo e o subjetivismo (Rabuske, 1987, p. 129). Deve igualmente levar a sério a mediatização pela crítica da ideologia.

Os limites da abordagem F-H não invalidam seu uso em projetos de pesquisa pertinentes. Pelo contrário, a consciência epistemológica dos limites do método capacita os pesquisadores a evitar riscos de mau uso e a adotar estratégias de compensação, recorrendo a métodos complementares. Em continuação, apresenta-se uma especificação do enfoque F-H, com arrimo nas pesquisas de Silvio Sánchez Gamboa.

### **3 CARACTERIZAÇÃO DA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICA**

Silvio Gamboa (1997; 2007) caracteriza a abordagem F-H por comparação a outras abordagens, a empírico-analítica e a crítico-dialética, escavando os conceitos e

princípios pressupostos em cada uma dessas abordagens.<sup>4</sup> Pelo anteriormente dito, a abordagem F-H privilegia a dimensão práxico-narrativa da racionalidade. O interesse cognitivo que rege as pesquisas F-H's é a comunicação, uma das necessidades propriamente humanas, razão pela qual exigem outro tipo de procedimentos que as ciências naturais (Gamboa, 1997). A categoria epistemológica fundamental das pesquisas F-H "é a da interpretação" (Gamboa, 2007, p. 89).

No plano técnico, as pesquisas F-H's, utilizam técnicas não quantitativas: entrevistas, depoimentos, vivências, narrações, técnicas bibliográficas, histórias de vida, análise de discurso, conforme Gamboa (1997; 2007).

No nível teórico, as investigações F-H's privilegiam os "[...] estudos teóricos e a análise de documentos e textos" (Gamboa, 1997, p. 96); explicitam "críticas ao experimentalismo, ao quantitativismo e ao tecnicismo" (Gamboa, 1997, p. 97); desvendam pressupostos implícitos e as ideologias subjacentes aos discursos, textos e comunicações, desvendando o conflito de interpretações; visam à "conscientização dos sujeitos envolvidos na pesquisa e a práticas alternativas" (Gamboa, 2007, p. 87).

No nível epistemológico, em vez da noção de causalidade propriamente dita, os pesquisadores da perspectiva F-H desvendam as relações entre fenômeno e essência, entre todo e parte, entre objeto e contexto (Gamboa, 1997), entre variantes e invariantes, entre "texto e contexto" (Gamboa, 2007, p. 87). No que tange aos critérios de cientificidade, as pesquisas deste enfoque confiam no processo lógico de "interpretação e na capacidade de reflexão do pesquisador" sobre o fenômeno objeto de seu estudo (racionalidade prático-comunicativa) (Gamboa, 1997, p. 98). Nesta tendência teórico-metodológica, a ciência é concebida como compreensão dos fenômenos em suas "[...] diversas manifestações (variantes) através de uma estrutura cognitiva (invariante) ou na explicitação dos pressupostos, das implicações e dos mecanismos ocultos (essência) nos quais se fundamentam os fenômenos" (Gamboa, 2007, p. 88). Aqui pesquisar consiste em captar o significado dos fenômenos, desvendar os seus sentidos. Compreender "[...] requer interpretação, requer

---

<sup>4</sup> A respeito dos pressupostos da hermenêutica como abordagem teórico-metodológica, ver Arenhart *et al.*, 2021, p. 95-98 e 107-109. Sobre as possíveis articulações da hermenêutica com outras abordagens teórico-metodológicas, consultar Arenhart *et al.*, 2022).

esclarecimento dos pressupostos, pois os significados não se dão imediatamente” (Gamboa, 1997, p. 100). No modelo F-H de ciência, compreende-se um fenômeno “com relação à totalidade a que pertence” (horizonte de compreensão). Um elemento é compreendido pelo sistema ao qual se integra e, reciprocamente, uma “[...] totalidade só é compreendida em função dos elementos que a compõem (Gamboa, 1997, p. 101).

Neste sentido, a hermenêutica se coloca como alternativa às ciências empírico-analíticas para abordar os fenômenos humanos, mas não para os fenômenos naturais (Gamboa, 1997). A fenomenologia não confia na percepção imediata do objeto, pois tal percepção só nos proporciona aparências. No entanto, a partir delas é possível, “[...] através da interpretação, descobrir a essência dos fenômenos” (Gamboa, 2007, p. 89).

Diferentemente dos modelos empírico-analíticos, as pesquisas de perspectiva F-H partilham o princípio da contextualização. Isto é, os fenômenos devem ser estudados considerando os seus entornos, seus ambientes naturais, os contextos onde se desenvolvem e têm sentido. Nesse sentido, essas abordagens podem ser consideradas críticas. Para explicar o fenômeno, os estudos F-H’s dão ênfase à “categoria de espaço, à localização em seu ambiente natural e/ou cultural” (Gamboa, 2007, p. 114). Na fenomenologia são decisivas as categorias espaciais (*tópos*). A situação dos fenômenos em seus contextos é tão importante que as mesmas concepções de tempo e de história, que fazem parte da compreensão do ambiente onde o fenômeno tem sentido, se tornam parte do cenário ou “tópicos” de uma descrição ampla e compreensiva. Quando se pretende recuperar o contexto histórico, faz-se referência às circunstâncias temporais que rodeiam o fenômeno, o qual, como essência, permanece. Variam apenas suas manifestações, suas figuras, seus ambientes. É na composição dessas variações que o tempo e o contexto histórico adquirem sentido. Desta forma, a história se reduz a um *tópico do contexto*, uma vez que não se admite a transformação essencial do fenômeno, isto é, nega-se sua “historicidade” (Gamboa, 2007, p. 114-115). O tipo de mudança proposto pelas abordagens fenomenológicas consiste em uma inovação que tem a ver com os novos ambientes, os novos tempos; uma nova visão do fenômeno, uma nova articulação do sentido, uma nova estruturação dos

entornos; novas roupas, novas figuras, porém, preservando as essências e as estruturas básicas (Gamboa, 2007).

Foque-se agora nos pressupostos gnosiológicos da abordagem F-H, respondendo à questão do centro dos processos cognitivos. Pelo visto, é notório que, aqui, o centro dos processos cognitivos é o observador/leitor que busca compreender o sentido. A presença marcante do inter-sujeito na interpretação dos fenômenos é garantida pela passagem metódica da experiência fenomênica à compreensão da essência, através da recuperação do contexto no qual se insere o fenômeno (Gamboa, 1997). O ponto de partida da organização dos dados é a manutenção e extensão da intersubjetividade (pressuposta): “[...] a compreensão do sentido orienta-se para um consenso possível” (Gamboa, 1997, p. 103). Gamboa fala de “sujeito”, por oposição ao “objeto”, mas ele sabe não é o sujeito do paradigma da consciência, duramente criticado pelos pais fundadores da hermenêutica.

Quanto à relação dos objetos temáticos com seus respectivos contextos/entornos, nas pesquisas compreensivas, os contextos são fatores determinantes do próprio fenômeno. Os fenômenos só são compreensíveis enquanto se localizam num cenário e num jogo de significações dados pelo contexto onde acontece a relação cognitiva (fenomenologia e etnografia); os contextos/entornos determinam e caracterizam a existência do próprio objeto (Gamboa, 2007, p. 127). Neste filão “[...] teórico-metodológico os entornos/contextos são entendidos como espaços, cenários, telas de fundo ou *lóci* da percepção” (Gamboa, 2007, p. 128).

Quanto à relação totalidade-partes constituintes do objeto, as pesquisas F-H’s supõem que, sem ser previamente definido ou delimitado, o todo pode ser recuperado ou ser resultado posterior de uma elaboração realizada pelo sujeito em um contexto cultural e social específico, a partir de manifestações, indicadores, expressões ou sintomas, de um fenômeno determinado. Essas manifestações “[...] partes integrantes que se articulam em um mesmo sentido. Ou seja, o todo oculto por trás das manifestações se recupera à medida que se articulam tais indicadores ou partes” (Gamboa, 2007, p. 128).

Os estudos F-H’s desenvolvem o processo começando pela parte (o símbolo, o gesto, a expressão, a palavra, a frase, o texto, ou seja, as diversas formas concretas

de manifestação do fenômeno) e caminha em direção da recuperação progressiva do todo (por exemplo, a palavra na frase, a frase no parágrafo, o parágrafo no texto e o texto no contexto). O conhecimento se realiza quando captamos o significado dos fenômenos e desvelamos seus sentidos, recuperando (de forma também rigorosa) os contextos em que cada manifestação se articula com outras expressões, formando um todo compreensivo. Conhecer é compreender os fenômenos em suas diversas manifestações e nos contextos onde se expressam. Para conseguir isso, o sujeito deve intervir com a interpretação e procurar a articulação dos sentidos, das estruturas básicas, das essências nas diversas manifestações dos fenômenos (gestos, palavras, sinais, textos, monumentos, fragmentos, etc.). Interpretar exige recuperar os cenários, os lugares ou os palcos onde as manifestações dos atores têm sentido; requer também a constituição de um horizonte interpretativo que permita articular diversas manifestações num quadro compreensivo. Neste sentido, as investigações etnográficas, por exemplo, exigem a localização dos fenômenos observados em seus ambientes culturais, dentro dos quais as expressões ou discursos têm validade (cf. Gamboa, 2007).

As pesquisas F-H's utilizam predominantemente técnicas qualitativas que permitem a intersubjetividade e as manifestações dos participantes da pesquisa, tais como entrevistas abertas, histórias de vida, discursos, opiniões e depoimentos. O método interpretativo, próprio desta abordagem, permite o jogo polissêmico, o discurso circular orientado à compreensão dos fenômenos em suas diversas manifestações. Os objetos temáticos da pesquisa "[...] são interpretados, procurando captar o significado desses fenômenos e revelar seu sentido, ou seus sentidos, dentro dos diferentes contextos em que se manifesta o fenômeno". Assim, "[...] a compreensão dos fenômenos implica necessariamente a recuperação dos contextos de significação ou os horizontes de interpretação [...]" (Gamboa, 2007, p. 175).

Vejam-se os pressupostos da abordagem em estudo. No que tange aos pressupostos ontológico-antropológicos: a fenomenologia hermenêutica subentende uma concepção existencialista do ser humano: projeto projetado, ser no mundo, junto às coisas, com os outros, lançado aí e projetado ao por-vir, educável pela conversação, pela relação dialógica, para a conscientização (desvelamento) e o ser-mais. Com

efeito, o “[...] ser humano é relacionado com o interesse dialógico e de comunicação [...]” (Gamboa, 2007, p. 145-146).

Do ponto de vista ontológico-histórico, a abordagem F-H pressupõe a estrutura prévia de sentido, estrutura não apenas interiorizada, mas determinante do mundo sociocultural em sua objetividade. Como qualquer outra vertente científica, aqui procuram-se desvendar padrões, modos de relação, enfim, estruturas. Mas as estruturas simbólicas do mundo sociocultural precisam ser desocultadas, mediante operações análogas à radiografia. O estruturalismo, uma das tendências teóricas abarcadas pela abordagem F-H, segundo Sánchez Gamboa, procura explicar os acontecimentos variantes a partir da estrutura simbólica invariante; o autor acertaria melhor o alvo se dissesse que o estruturalismo pretende compreender a estrutura invariante de base a partir dos acontecimentos variantes. Esta classificação de Gamboa é problemática, bastando para isso ter um mínimo de leitura dos clássicos da hermenêutica.

Ainda segundo Gamboa (1997; 2007), na abordagem F-H, a história é vista como dado circunstancial de contexto. Essa abordagem procura revelar a estrutura interna, traspassando a aparência fenomênica: mais preocupação com a estrutura básica ou a essência invariável dos fenômenos que com os sintomas (acontecimentos); mais com o “[...] sentido oculto que com o sentido manifesto, mais com as essências (invariáveis, estruturas e sentidos ocultos) que com as variantes, acontecimentos, sentidos manifestos [...]”. Procura recuperar ou reeditar o “[...] contexto histórico” como telão de fundo ou como detalhes descritivos do cenário onde ocorre o fenômeno [...]” (Gamboa, 2007, p. 160).

No campo da educação, Gamboa (1997) viu que as pesquisas estruturalistas compartilhavam com positivistas e funcionalistas a visão homogênea e não-conflitiva da realidade, fundada no princípio de identidade, preferindo a descrição do universo ordenado, sujeito a leis permanentes (o “conflito de interpretações” não anula o pressuposto da coerência universal como algo previamente dado). As pesquisas empírico-analíticas e F-H’s se identificam na preocupação sincrônica: “[...] sem a preocupação pela elaboração de leis gerais do acontecer histórico[...]” (Habermas, 1983, p. 302). Mas Gamboa (1997; 2007) reconhece que a preocupação diacrônica

está presente em algumas pesquisas fenomenológicas existencialistas e em algumas investigações hermenêuticas, no campo da educação, no Brasil.

Ao ver dos autores deste texto, os(as) pesquisadores do campo da educação devem a Silvio Sánchez Gamboa esclarecimentos extremamente úteis e promissores em termos de continuação das pesquisas, auxiliando, especialmente aos estudantes e pesquisadores iniciantes, a se situarem nos face aos distintos enfoques teórico-metodológicos. Quanto ao “esquema paradigmático” construído pelo autor citado, cabe menção de que ele pode ser utilizado para compreender os pressupostos de abordagens que seu criador não submeteu à análise, além de poder ser complementado por outros critérios de análise e comparação, como foi feito por Arenhart *et al.*, (2021).

Sob o propósito deste artigo cabem algumas palavras sobre a questão da objetividade das ciências compreensivas.

#### **4 A QUESTÃO DA OBJETIVIDADE NAS PESQUISAS FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICAS: A NECESSIDADE DE UM DIÁLOGO CRÍTICO.**

Os manuais de metodologia da pesquisa científica, cujos autores não estudaram a virada linguístico-pragmática na filosofia e nas ciências, operam com a oposição simplista entre pesquisas quantitativas e pesquisas qualitativas, considerando as primeiras com as pesquisas-*standard*. Pura e simplesmente, localizam as pesquisas de abordagem F-H no lado das pesquisas qualitativas. Mais problemático, porém, é o que alguns manuais repassam sobre o *objeto* das pesquisas qualitativas. Um manual muito usado, o de Sampieri, Collado e Lucio (2013), exemplifica uma confusão epistemológica. Nesse manual (p. 36-38), o quadro comparativo entre os enfoques quantitativo e qualitativo expressa ostensivamente um viés subjetivista do enfoque qualitativo e, por isso, falsificador das abordagens hermenêutica e dialética. No entender desses autores, para quem faz pesquisa qualitativa, “*a realidade é a mente*”, “*existem várias realidades subjetivas* construídas na pesquisa”, “*o mundo é construído pelo pesquisador*”, o problema “*não é delimitado*”, “*a teoria não se fundamenta em estudos anteriores*”; “*a literatura desempenha um papel menos importante no início*”.

Em certas passagens, os autores supõem que pesquisa qualitativa busca significados que se encontram nas mentes dos participantes.

Para não ser injusto com os autores citados, esse seu viés subjetivista pode ser corrigido por uma interpretação adequada de informações fornecidas por eles próprios. Ou seja, os autores enunciam posições contraditórias, gerando confusão. No livro citado (p. 34), escrevem que dados qualitativos são *descrições* detalhadas de situações, etc. Na p. 35 pode ser lido que todas as interpretações compartilham o conceito de *padrão cultural*, referindo-se a um modo socialmente compartilhado de entender situações e eventos. Na p. 38 aparece timidamente que as pesquisas qualitativas têm objeto e que esse objeto são as “descrições dos participantes”, as “manifestações” das pessoas, “dados verbais, escritos e/ou audiovisuais”, “informação” coletada. Se é isso, então se descarta a ideia de que nas pesquisas qualitativas não há “possibilidade de réplica” nem “dados sólidos que apoiem as conclusões”, como afirmam na p. 42. Cabe a pergunta: o leitor duvida da solidez dos padrões racistas dentro das instituições estatais e empresariais? Ou o leitor pensa que se trata de uma mera interpretação “subjetivista” de quem é vítima de racismo?

Não há ciência sem objeto e sem métodos objetivos. A questão está em entender a objetividade. Pode-se entendê-la dialogando com os autores do livro citado por último. Diversas vezes empregam o termo “significado” (Sampieri; Collado; Lucio, 2013, p. 36-37), mas não explicitam que os significados se encontram na cultura, são socioculturais, instituídos e instituintes, impondo-se às consciências e vontades subjetivas.

É verdade que os significados não são objetos do mundo para os quais podemos apontar com o dedo indicador. Pertencem a nosso modo social de representar o mundo, ou seja, pertencem à linguagem social (Searle, 1981, p. 153). São regras de uso das expressões linguísticas. Encontram-se no mundo sociocultural e não meramente na subjetividade das pessoas. Por conseguinte, se temos um texto produzido numa cultura, então temos um objeto que pode ser estudado. Assim se elucida o que nossos autores intencionam quando exemplificam a “natureza” qualitativa dos dados, citando “textos, narrativas, significados, etc.” Efetivamente, estes são fenômenos socioculturais observáveis, ou seja, nenhum pouco menos

subjetivos que as construções matemáticas. Enfatize-se que “descrições dos participantes”, “manifestações” das pessoas, “dados verbais, escritos e/ou audiovisuais” são fenômenos linguísticos observáveis, analisáveis, interpretáveis.

É tarefa das ciências humanas e sociais imergir compreensivamente nos significados compartilhados. “Sociólogos e antropólogos têm demonstrado que a função essencial das normas culturais é prover os membros de um grupo ou sociedade com definições de situação inteligíveis e intercambiáveis no coletivo”, com base nas quais se podem fazer previsões (Minayo; Sanches, 1993, p. 246). A antropologia nos ensina cotejar a fala com a observação das condutas e dos costumes e com a análise das instituições, nos ensina a “chegar o que é dito com o que é feito, com o que é celebrado e/ou está cristalizado” (Minayo; Sanches, 1993, p. 246). Assim, o conteúdo dos discursos e as práticas comunicativas cotidianas são interpretadas “[...] dentro de um quadro de referência, onde a ação e a ação objetivada nas instituições permitem ultrapassar a mensagem manifesta e atingir os significados latentes” (Minayo; Sanches, 1993, p. 246).

Em atenção ao afirmado no começo deste artigo, há que se distinguir entre condições de significação (produzir frases e contar histórias) e condições de validação de frases, relatos e descrições (intersubjetividade criteriosa e reguladora, à semelhança do controle rigoroso de qualidade de produtos de consumo) (Bauman, 2022; Habermas, 2004). “Todo e qualquer conhecimento científico é tentativo” (Alves-Mazzotti; Gewandsznayder, 2011, p. 137). Vale até prova em contrário. A eliminação dos erros é expectativa inerente ao método crítico. Para a objetividade de qualquer pesquisa é crucial que esta seja “[...] o mais possível aberta à análise, à crítica e ao questionamento da comunidade científica para que erros grosseiros e tendenciosidades do pesquisador possam ser eliminados” (Alves-Mazzotti; Gewandsznayder, 2011, p. 137).

Vale aqui lembrar que K. Popper (1974; 2010; 2004) interpretou o requisito da objetividade científica nos termos da regra metodológica segundo a qual só valem como científicos os enunciados intersubjetivamente passíveis de prova. A objetividade de uma ciência não depende da objetividade do cientista, mas é “[...] o resultado social de sua crítica recíproca, da divisão hostil-amistosa de trabalho entre cientistas, ou sua

cooperação e também sua competição” (Popper, 2004, p. 23). Por este critério, em princípio, a atitude do cientista natural não é mais objetiva do que a do cientista social (Popper, 2004, p. 22). Para as ciências em geral vale a atitude racional “[...] de disposição a ouvir argumentos críticos e a aprender da experiência. É, fundamentalmente, uma atitude de admitir que ‘eu posso estar errado e você pode estar certo, e por um esforço, nós podemos nos aproximar da verdade’” (Popper, 1974, p. 232).

Em relação às ciências compreensivas, Bauman (2022, p. 315) invoca Habermas para dar realce à insuficiência da compreensão meramente consensual. As regras que norteiam a obtenção da compreensão objetiva, isto é, da verdade, terão de se concentrar nas “[...] condições de genuína igualdade das formas de vida envolvidas na negociação e da genuína democracia dos procedimentos” (Bauman, 2022, p. 339). Trata-se, acima de tudo, das “[...] regras da crítica que permitem expor as imperfeições das condições práticas nas quais o acordo consensual ocorre, e, por meio disso, expor o conteúdo do acordo que não consegue satisfazer o ideal da compreensão objetiva” (Bauman, 2022, p. 339). Neste ponto, Bauman é rigorosamente popperiano: as regras para alcançar a verdade “[...] só podem ser concebidas como um método crítico. [...] O método da hermenêutica sociológica [...] só pode satisfazer a prática da comunicação em sua função negativa, como o método da crítica”, desmascarando as condições de comunicação que levam a um consenso ilegítimo e falso (Bauman, 2022, p. 339). Com Popper, Habermas e Bauman, entre outros, o pesquisador é conduzido do círculo ideológico para o círculo hermenêutico-crítico, em razão de que a interpretação do sentido das obras culturais é submetida à crítica da comunidade científica pertinente.

Outro aspecto esclarecedor atinente à questão da objetividade é aquilo que é enfatizado por Fritjof Capra (s./d.): as ciências contemporâneas não buscam simplesmente conhecer objetos, tratam de compreender relações, as quais precisam ser mapeadas, interligando-se diferentes elementos ou diferentes membros de uma comunidade. Desse modo, descobrem-se configurações ou *padrões de relações* que se manifestam recorrentemente em determinadas condições. Com o foco nas relações, os cientistas são levados ao estudo de padrões. E a pergunta acerca dos padrões “[...]”

remete aos conceitos de ordem, organização, relações. Em vez de quantidade, envolve qualidade; em vez de medição, envolve mapeamento” (Capra (s./d., s./p.). O autor acrescenta que, assim como na vida, na ciência a busca de significado para nossas experiências em seus respectivos contextos é uma busca de padrões. Cabe sublinhar que desde a sua gênese histórico-social, as ciências de corte F-H, inclusive no campo educacional, estiveram empenhadas na busca de padrões de ações e de relações.

Em pesquisas que se utilizam de entrevistas, por exemplo, as falas colhidas dos participantes da pesquisa são submetidas a algum método de análise textual, pois essas falas formam textos que, estes sim, podem e devem ser “objetos de análise”. As falas transcritas são objetivas, acessíveis a qualquer pesquisador, contanto que de forma anônima. Os textos são obras culturais e, como tais, são objetos de análise e de interpretação. Não se está tratando da subjetividade das pessoas. O que o intérprete faz é sondar padrões de experiências. Tem-se ali objetividade enquanto intersubjetividade materializada em textos. Textos já contêm sentidos. O cientista “reinterpretará, reconstruirá esses sentidos” (Bauman, 2022, p. 329). Na reconstrução, estarão sendo buscados padrões de relações.

Essa reconstrução se torna efetiva mediante desenho de pesquisa, procedimento analítico-interpretativo e modelo hermenêutico determinado, a juízo dos pesquisadores em função dos problemas e objetivos de pesquisa escolhidos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O texto tratou de expor os princípios e conceitos filosóficos que sustentam ou podem sustentar as pesquisas de perspectiva F-H. Tomou-se como referência direta algumas ideias colhidas da obra F-H de M. Heidegger. Sob a orientação deste corifeu da hermenêutica, como também, em continuação, de G. Gadamer, os pesquisadores não se distraem de sua finitude existencial, cultural e epistêmica. A gravidade existencial e epistêmica da finitude requer entrar e se mover corretamente no círculo hermenêutico, que em sua abertura prático-linguística se articula com os métodos analítico e crítico de pensar. Um aspecto importante que o artigo tangenciou mas não explorou é a experiência do estranhamento ou a experiência, prático-existencial ou

teórica, da diferença/alteridade, como condição para entrar e se mover no círculo hermenêutico-crítico.

Justificou-se a possibilidade de tornar epistêmico-reflexivamente fecunda a abordagem F-H na tematização de objetos do âmbito ontológico da vida propriamente humana, necessitando-se, para tanto, colocar em operação interpretações de segundo grau, isto é, interpretações de interpretações. Expôs-se com rigor epistemológico os limites desta dupla hermenêutica, especialmente (1) porque interpretar significações não é a mesma coisa que conhecer as formas como essas significações se estruturam e (2) porque compreensão consensual difere da verdade, esta, construída mediante processos públicos de debate racional. Justificou-se o enfrentamento destes e outros limites pelo recurso ao diálogo crítico como pesquisadores de outras abordagens epistemológicas.

Com arrimo em S. Sánchez Gamboa, tratou-se de especificar a abordagem F-H de pesquisa, mas sem compará-la com outras abordagens, o que, certamente, tornaria mais esclarecedora a apresentação das características da abordagem.

A juízo dos autores, a melhor parte do artigo é a exposição da forma mais adequada de compreender a objetividade das pesquisas F-H. Quanto a isso, mostra-se que, se corretamente conduzidas, as pesquisas F-H podem ser objetivas tanto quanto as pesquisas empírico-analíticas. Para que isso não soe como ideia exagerada, vale reiterar que o que se visa em pesquisas F-H são estruturas (histórico-culturais) de ações e relações, que, além de detectadas, precisam ser mapeadas. O artigo não toca no recurso epistemológico dos tipos ideais, recorrentemente utilizado pelas ciências F-H. Propõe-se ao leitor que reflita sobre a razoabilidade do emprego desse recurso para fins de diagnóstico e mapeamento de estruturas de ações e relações no campo empírico das ciências humanas e sociais.

O texto não se ateu à instrumentalização técnica para pesquisas F-H. Quanto a isso, não se poderia deixar de indicar o estudo dos principais desenhos de pesquisa qualitativa, frisando que “[...] não há fronteiras entre estes, pois um abrange elementos dos outros. Importa realizar a pesquisa de maneira sistemática e profunda, buscando responder à formulação do problema” (Hernández Sampieri; Fernández Collado; Baptista Lucio, 2013, p. 497). U. Flick (2009) é sobremaneira esclarecedor

quanto aos métodos de pesquisa qualitativa e respectivos campos de aplicação dos mesmos.

Para finalizar, no que tange aos procedimentos, não se poderia deixar de remeter para autores que podem ajudar o leitor a se apropriar de um ou outro dos métodos de análise-e-interpretação usados em nossos cursos de pós-graduação, como, por exemplo, análise de conteúdo (Bardin, 1977; Marradi; Archenti; Piovani, 2007, p. 290), análise de discurso (Pêcheux, 2002; Orlandi, 2001; Bakhtin, 2004; Marradi; Archenti; Piovani, 2007, p. 296), análise textual discursiva (Moraes; Galiuzzi, 2011), análise narrativa (Bolívar, 2002) e hermenêutica de profundidade (Thompson, 1998, p. 396; Veronese; Guareschi, 2006). Sobre modelos hermenêuticos, é recomendável, porque inteligível e prático, o livro de C. Boff (1978, p. 243). O círculo hermenêutico se efetua de acordo com regras. A relação constitutiva do círculo hermenêutico possui caráter dialógico, tratando-se de uma relação tensa, crítica, até dramática entre os termos: entre sentido profundo dos textos e os próprios textos pertinentes ao tema; entre criação de sentido e acolhida do sentido pelo leitor do texto (Gadamer, 1999); entre explicação da estrutura do texto e compreensão do sentido (Ricoeur, s/d); entre o presente (do intérprete) e o passado (dos textos); entre a técnica interpretativa e a interrogação; enfim, entre o contexto e o texto.

## REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas Ciências Naturais e Sociais** – pesquisa quantitativa e qualitativa. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2001.

ARENHART, Livio. O.; HAHN, Noli B.; ARENHART, Amabilia. B. P.; ROTTA, Edegar. **Pesquisa na universidade**. Cruz Alta: Ilustração, 2022. Doi: <http://dx.doi.org/10.46550/978-85-92890-65-0>

ARENHART, Livio. O.; HAHN, Noli B.; ARENHART, Amabilia. B. P.; ROTTA, Edegar. **Metodologia e epistemologia**: um olhar reflexivo e analítico sobre procedimentos de pesquisa. Cruz Alta: Ilustração, 2021. Doi: <http://dx.doi.org/10.46550/978-65-88362-90-7>

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 2004.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições, 1977.

BAUMAN, Zigmunt. **Hermenêutica e ciência social**: abordagens da compreensão. São Paulo: Unesp, 2022.

BOFF, Clodovis. **Teologia e prática**. Petrópolis: Vozes, 1978.

BOLÍVAR, A. "¿De nobis ipsis silemus?": Epistemología de la investigación biográfica narrativa en educación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, v. 4, n. 1, p. 2-26, 2002. Disponível em: [http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1607-40412002000100003](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1607-40412002000100003). Acesso em: 19 abr. 2021.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia** (Org. Renato Ortiz). São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

CAPRA, Fritjof, **Alfabetização ecológica**: o desafio para a educação do século 21. Disponível em: <http://smeduquedecaxias.rj.gov.br/nead/Biblioteca/Forma%C3%A7%C3%A3o%20Continuada/Educa%C3%A7%C3%A3o%20Ambiental/ALFABETIZA%C3%87%C3%83O%20ECOL%C3%93GICA.pdf> Acesso em 08 mar. 2024.

CIRNE-LIMA, Carlos R. V. Carta sobre dialética. O que é dialética? **Síntese Nova Fase**, Belo Horizonte, v. 21, n. 67, p. 439-447, 1994.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método II**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GAMBOA, Silvio S. **Pesquisa em educação**. Chapecó: Argos, 2007.

GAMBOA, Silvio S. A dialética na pesquisa em educação: elementos de contexto. In: FAZENDA Ivani (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1997, p. 91-115.

HABERMAS, Jürgen. **Verdade e justificação**. São Paulo: Loyola, 2004.

HABERMAS, Jürgen. **Conhecimento e interesse**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Parte I. 4. ed. Petrópolis, Vozes, 1993a.

HABERMAS, Jürgen. **Dialética e hermenêutica**. Porto Alegre: LP&M, 1987.

HABERMAS, Jürgen. Teoria Analítica da Ciência e Dialética: Conhecimento e Interesse. *In: Textos escolhidos*. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 278-312.

KUHN, Martin; ARENHART, Livio O. Indagação acerca dos sentidos do fenômeno educativo. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 61, n. 68, p. 1-24, e-31811, abr./jun. 2023. DOI |10.21680/1981-1802.2023v61n68ID31811. Disponível em: <http://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/31811>. Acesso em: 01 mai. 2024.

MARRADI, Alberto; ARCHENTI, Néida.; PIOVANI, Juan I. **Metodología de las ciencias sociales**. Buenos Aires: Emecê, 2007.

MARRAFON, Marco Aurélio. A questão da consciência histórica na obra "Verdade e Método" e suas implicações na (teoria da) decisão judicial. *In: STEIN, Ernildo; STRECK, Lenio (Org.). Hermenêutica e epistemologia: 50 anos de Verdade e Método*. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2011. p. 73-89.

MINAYO, Maria Cecília de S. **O desafio do conhecimento**. São Paulo; HUCITEC, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Hermenêutica-dialética como caminho do pensamento social. *In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira (Org.). Caminhos do pensamento: epistemologia e método*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002, p. 83-107.

MINAYO, Maria C. S.; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/Bgpmz7T7cNv8K9Hg4J9fJDb/?format=pdf&lang=pt>  
Acesso: 26 mar. 2024.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do C. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

OLIVEIRA, Manfredo A. **Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea**. São Paulo: Loyola, 1997.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.

PAVIANI, Jayme. **Epistemologia prática**. 2. ed. Caxias do Sul: Educs, 2013.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 3. ed. Campinas: Pontes; 2002.

PIOVANI, Juan Ignacio. **Triangulación de métodos mixtos**. Disponível em:  
<https://www.studocu.com/es-ar/document/universidad-nacional-de-lujan/metodologia-de-la-investigacion/marradi-unidoooooooooooo/14565160>

POPPER, Karl R. **Lógica da Pesquisa Científica**: Cultrix; São Paulo, 2010.

POPPER, Karl R. **Lógica das ciências sociais**. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

POPPER, Karl R. **A sociedade aberta e seus inimigos**. Vol. 2. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

RABUSKE, Edvino. Hermenêutica e sociedade. **Teocomunicação**, n. 41, Ano VIII, p. 201-214, 1978.

RABUSKE, Edvino. **Epistemologia das ciências humanas**. Caxias do Sul: EDUCS, 1987.

RIBEIRO, Caroline V. "O fim da metafísica segundo Habermas". *In*: **Princípios**, Natal, v.16, n.26, jul./dez. 2009, p. 107-134. Disponível em:  
<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3655166.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2024.

RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação**. Lisboa: Edições 70, s/d.

SAMPIERI, Roberto H.; COLLADO, Carlos F.; LUCIO, María del Pilar B. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre, Penso, 2013.

SEARLE, John R. **Os actos de fala** – Um ensaio de Filosofia da Linguagem. Coimbra: Livraria Almeida, 1981.

STEIN, Ernildo. **Pensar e errar**: um ajuste com Heidegger. Ijuí: Editora Unijuí, 2011.

STEIN, Ernildo. **A caminho de uma fundamentação pós-metafísica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

STEIN, Ernildo. **Aproximações sobre hermenêutica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

STEIN, Ernildo. **Seminário sobre a verdade**. Petrópolis: Vozes, 1993.

STEIN, Ernildo. **Seis estudos sobre "Ser e tempo"**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

STEIN, Ernildo. Dialética e hermenêutica: uma controvérsia sobre o método em filosofia. *In*: HABERMAS, Jürgen. **Dialética e hermenêutica**. Porto Alegre: LP&M, 1987, p. 98-134.

STEIN, Ernildo. **Crítica da ideologia e racionalidade**. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1986.

STEIN, Ernildo. **Melancolia**. Porto Alegre: Movimento, 1976.

THOMPSON, John B. **Ideología y cultura moderna**: Teoría Crítica social en la era de la comunicación de masas. 2 ed. México: Universidad Autónoma Metropolitana, 1998.

VERONESE, Marília. V.; GUARESCHI, Pedrinho A. Hermenêutica de profundidade na pesquisa social. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 42, n. 2, p. 85-93, maio/ago. 2006. Disponível em:  
[https://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias\\_sociais/article/view/6019](https://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/6019). Acesso: 7 mai. 2024.

Enviado em: 01-08-2024

Aprovado em: 01-09-2024

Publicado em: 19-09-2024